

O Acervo Bibliográfico Antônio José Chediak: história e potencialidades

The Antônio José Chediak Bibliographic Collection: history and potentialities

Jefferson Evaristo*
Cynthia Vilaça**

RESUMO

Neste texto, oferecemos informações sobre o acervo custodiado pelo Centro Filológico Clóvis Monteiro, sediado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de mostrar suas potencialidades e de ilustrar possíveis relações entre “acervo”, “memória” e “história”. Para isso, discutimos conceitos concernentes à documentação e acervo, e apresentamos dados bibliográficos de seu maior doador: o professor, filólogo e lexicógrafo Antônio José Chediak.

Palavras-chave: Acervo; Memória; Antônio José Chediak; Centro Filológico Clóvis Monteiro.

ABSTRACT

In this text, we offer information about the collection held by the Centro Filológico Clóvis Monteiro, headquartered at the Instituto de Letras of the Universidade do Estado do Rio de Janeiro, with the aim of showing its potential and illustrating possible relationships between “collection”, “memory” and “history”. For this, we discuss concepts concerning the documentation and collection, and present bibliographical

Recebido em 3 de abril de 2024.

Aceito em 24 de julho de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2025n68.1421>

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro
jeffersonpn@yahoo.com.br, Orcid 0000-0002-7561-5400

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro
cynthia.uerj@gmail.com, Orcid 0009-0005-5397-9034

data from its main donor: the professor, philologist and lexicographer Antônio José Chediak.

Keywords: Collection; Memory; Antônio José Chediak; Centro Filológico Clóvis Monteiro.

Introdução

O Acervo¹ Bibliográfico Antônio José Chediak é custodiado pelo Centro Filológico Clóvis Monteiro (CEFIL)², sediado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse patrimônio se constituiu com doações de professores que passaram pela UERJ desde a fundação do CEFIL, em 10 de setembro de 1965, “por iniciativa dos professores Olmar Guterres da Silveira (1922- 1999), Jairo Dias de Carvalho (1927-2003) e Leodegário Amarante de Azevedo Filho (1927-2011)” (Henriques et al, 2014, p. 100-101). Atualmente, o Acervo conta com quase doze mil obras, sobretudo graças à vultosa doação da biblioteca pessoal do saudoso filólogo Antônio José Chediak, feita por sua família em 2007. Em dezembro de 2016, o Acervo cresceu ainda mais com a incorporação de algumas centenas de livros da biblioteca do patrono do CEFIL, professor Clóvis Monteiro³.

1 A partir daqui, todas as vezes em que usarmos “Acervo”, em maiúsculo, estaremos nos referindo ao Acervo Antônio José Chediak; quando usarmos “acervo”, em minúsculo, estaremos falando sobre “acervo” de modo genérico.

2 O CEFIL é vinculado ao Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia do Instituto de Letras da UERJ. Trata-se de um núcleo de estudos que abriga diversos projetos relacionados às áreas de Filologia, Linguística e Gramática. Esses projetos serão mencionados na quarta seção deste trabalho. Mais informações sobre o CEFIL podem ser obtidas por meio do seguinte endereço eletrônico: https://www.institutodeletras.uerj.br/?page_id=365. Acesso em: 17 jul. 2023.

3 Clóvis do Rego Monteiro (1898-1961) foi um dos precursores da Dialetoologia no Brasil. Formou-se em Direito na Universidade do Ceará, atuou como jornalista e também como Secretário Geral da Educação e Cultura da antiga capital da República. Entretanto, destacou-se como professor. É autor de vários títulos dedicados ao português do Brasil,

Aproximadamente 33% das obras que compõem o Acervo são literárias, sejam brasileiras, portuguesas ou de outra nacionalidade. Como era esperado, há concentração de referências a respeito de assuntos caros a Chediak, como a vida e a obra do poeta e jornalista Carlos de Laet. Também são encontradas referências sobre a fundação de Brasília e sobre a biografia de Juscelino Kubitschek, visto que Chediak possuía estreita relação com JK, tendo sido autor da ata de fundação de Brasília (Vilaça et al, 2014, p. 203; Henriques et al, 2014, p. 110). O Acervo também agrega obras e documentos relacionados ao Governo do Estado da Guanabara durante a década de 1970, período em que Chediak exerceu a função de Secretário de Educação, além de ter atuado em outros órgãos da Gestão Pública Estadual e Federal. Encontram-se, ainda, manuais didáticos para ensino de Língua Portuguesa, alguns elaborados por Chediak ou por Clóvis Monteiro. Ademais, há muitas referências da área de Filologia, inclusive obras escritas por Chediak ou por Clóvis Monteiro. Em suma, as principais áreas do conhecimento contempladas pelos volumes são: Filologia, estudos gramaticais relativos a várias línguas, ensino de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, estudos e obras de Clóvis Monteiro e de Antônio José Chediak.

Para que esse patrimônio estivesse um dia à disposição da comunidade acadêmica, os filólogos vinculados ao CEFIL criaram e conduziram um longo projeto de catalogação dos itens do Acervo, o qual vigorou de 2012 a 2019. A catalogação envolveu a identificação dos itens por meio das informações bibliográficas básicas (título, autor, edição, editora, local e ano de publicação) e também por descritores temáticos que auxiliariam os futuros consulentes em suas pesquisas. De fato, como salientam Broccato, Fujita e Rubi et al (2010, p. 106), “[n]o tratamento temático da informação, a indexação desempenha

entre os quais, podemos citar: *Português da Europa e português da América* (1931), *A linguagem dos cantadores* (1933) e *Fundamentos clássicos do português do Brasil* (1959). De sua seleta biblioteca, os professores vinculados ao CEFIL selecionaram 548 títulos para compor o Acervo Antônio José Chediak.

importante função ao possibilitar a análise de assunto para a representação do conteúdo documentário e, conseqüentemente, a recuperação deste em catálogos ou bases de dados”.

Também com o objetivo de orientar os consulentes, têm sido produzidas resenhas das obras referentes às principais coleções do Acervo, quais sejam: obras de Clóvis Monteiro, patrono do CEFIL; obras de Antônio José Chediak, maior doador e patrono do Acervo; livros sobre filologia, linguística e gramática, áreas de estudo às quais os projetos desenvolvidos no CEFIL se vinculam; e, por fim, as publicações da Revista Idioma, produção própria do CEFIL. Ao longo do período de duração do projeto, foram catalogados 11.853 itens e resenhadas 179 obras.

Nosso texto, portanto, será dedicado a descrever o Acervo Bibliográfico Antônio José Chediak e a demonstrar, em conformidade com este dossiê, “[...] o reconhecimento dos acervos privados (pessoais, familiares e institucionais) como fontes relevantes para estudos historiográficos, destacando a importância de sua preservação para usos presentes e futuros”⁴. Aos “estudos historiográficos”, acrescentamos os estudos filológico-linguísticos, gramaticais e biobibliográficos como campos de pesquisa potenciais do Acervo.

Para tanto, nosso texto se organiza da seguinte forma: na seção dois, discutiremos conceitos concernentes à documentação e acervo – principalmente, mas não exclusivamente –, como forma de embasar teoricamente a argumentação acerca do objeto de estudo que analisaremos; na seção três, apresentaremos a figura de Antônio José Chediak e o Acervo para, então, mostrarmos sua importância e suas potencialidades na seção 4; encerra este texto uma seção final com algumas considerações a respeito de nossa proposta.

4 Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/announcement/view/73>. Acesso em: 17 jul. 2023.

1) Algumas questões sobre documentação e acervo

Em sentido amplo e parcialmente ligado ao senso comum, é possível encontrar as seguintes definições para “acervo”:

1 Grande quantidade; acumulação, conjunto, massa: “Depois de certa idade, acho que o acervo de sonhos se esgota, e eles começam a reprisar” (CB).

2 Reunião confusa de objetos; amontoado, montão, pilha: “Em frente, derramado sobre colinas – [...] acervo incoerente de casebres – aparecia Canudos, deserto e mudo, como uma tapera antiga” (EC).

3 Conjunto de bens que fazem parte de um patrimônio; cabedal.

4 Conjunto de bens que constituem um patrimônio pessoal, institucional ou nacional (Michaelis, c2023).⁵

Como se pode ver, as definições 1 e 2 do dicionário *Michaelis* remetem a uma ideia generalizada de que um acervo seja uma bagunça, um amontado disforme de coisas que se juntou quase que por puro acúmulo⁶. Nesse sentido, um acervo seria potencialmente inútil, desnecessário, uma vez que estaria formado por simples ação de acúmulo (acepção 1) ou caracterizado por uma confusão (acepção 2). Será na acepção 3 – ou seja, a terceira em ordem de ocorrência e importância – que seu sentido começará a ser compreendido como algo útil e produtivo, como um “patrimônio”; ainda assim, apenas na acepção 4 – a menos frequente e menos usual – é que haverá alguma menção a um patrimônio pessoal ou institucional. O exemplo do dicionário *Michaelis*

5 Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acervo>. Acesso em: 28 jul. 2023.

6 Não confundir a noção popular de acúmulo com o conceito técnico de acumulação que, para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 5), é a “reunião orgânica dos documentos gerados e recebidos por uma instituição no decorrer de sua existência, em oposição à formação artificial típica da coleção”. O sentido popular para a noção de acúmulo, como se vê, não coincide com o técnico.

serve para percebermos que a constituição de um acervo não é algo trivial e comum, mas uma ação especializada e empreendida de maneira intencional.

O *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*⁷, obra institucional do renomado Arquivo Nacional, define acervo como sendo “documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora” (Brasil, 2005, p. 19), sem fazer qualquer menção ao seu caráter de arquivo ou ao seu conjunto ordenado. Uma possível menção a isso pode ser encontrada em Camargo e Belloto (1996, p. 1), para quem acervo é a “totalidade dos documentos conservados num arquivo”.

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 2) definem acervo em seu *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*⁸ como sendo um “conjunto de documentos armazenados e conservados em um arquivo”, uma “coleção, descrição”, um “fundo documentário, fundos de biblioteca” ou, por fim, o “desenvolvimento de coleções, material bibliográfico”. A definição dos autores, técnica e mais aprofundada, direciona a compreensão de acervo como sendo um verdadeiro repositório, não mais confuso e caótico, simplesmente amontoado, mas armazenado e conservado, dando-lhe a dimensão profissional necessária expressa em suas finalidades de informação, pesquisa e educação, por exemplo.

Neste ponto, é necessário compreendermos também as possíveis definições para o termo “arquivo”. Aquelas encontradas em Cunha e Cavalcanti (2008) indicam que um arquivo pode ser:

1. “Conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas datas, suas formas e seus suportes físicos, produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, ou por instituição pública ou privada, em decorrência de suas atividades”

7 Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

8 Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 17 jul. 2023.

4. “Os arquivos, como conjuntos de documentos organicamente vinculados às entidades que os produziram, representam uma parcela significativa do patrimônio cultural de um país, uma cidade, uma instituição, um indivíduo. Constituem-se, assim, em objetos da memória individual e coletiva e em uma importante referência para a pesquisa administrativa, histórica, antropológica, sociológica, etc.”.

5. “Os arquivos nascem, espontaneamente, como sedimentação documental do desenvolvimento de uma atividade prática, administrativa, jurídica. Constituem-se, assim, conjuntos de documentos unidos entre si, reciprocamente, por um vínculo original”. (Cunha e Cavalcanti, 2008, p. 24-25) [adaptado pelos autores]

As acepções do *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* vão no mesmo sentido:

1 Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. Ver também fundo.

2 Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos.

3 Instalações onde funcionam arquivos.

4 Móvel destinado à guarda de documentos. (Brasil, 2005, p. 260 [adaptado pelos autores])

O que pode ser depreendido do exposto acima é que, comumente, arquivo assume as funções de “documento” ou, em alguns casos, confunde-se com o próprio “acervo”; por fim, indica também a localização (seja um móvel, seja um lugar em um imóvel) onde esses arquivos/documentos estariam preservados.

Esses arquivos constituem-se como elementos de memória, como um “dispositivo que permite o registro, a conservação e a restituição de dados” (Cunha e Cavalcanti, 2008, p. 243); e, ao mesmo tempo, uma das funções

de uma biblioteca universitária, de um acervo institucional, é a de reunir e disponibilizar ao público acesso à memória produzida sobre determinado assunto, tema, área de pesquisa ou produção bibliográfica. Desse modo,

trabalhar com a história, a memória e a cultura são funções da biblioteca universitária assim como as ações já consolidadas para o apoio ao ensino, a pesquisa e a extensão. As bibliotecas universitárias devem fornecer o arcabouço bibliográfico, documental e multimeios que sustentam a academia através dos tempos. Este sustentáculo, para a tríade acadêmica, se faz por meio do seu acervo e de suas ações, que devem mesclar sua história, seu papel educativo-social e o desenvolvimento de produtos e serviços informacionais (Alves, 2015, p. 45)

Alves (2015, p. 51) mostra que

as bibliotecas pessoais ou particulares marcam o fim da centralização dos acervos sob a guarda da igreja (monastérios, conventos, igrejas, etc.), da realeza e da nobreza (castelos, casas imperiais, etc.) e de instituições educacionais. Sua abertura para a guarda pessoal, individualizada, apresenta-se como uma nova possibilidade de uso e preservação desse material.

Como já dito, o Acervo em pauta neste texto é o resultado da soma da biblioteca pessoal de Antônio José Chediak e de parte da biblioteca pessoal de Clóvis Monteiro, dois dos mais importantes filólogos da história do Brasil. Essa “coleção especial” (Alves, 2015) pode servir, como veremos, para traçar inclusive um panorama acerca da figura dos dois filólogos.

As definições de acervo e arquivo discutidas aqui brevemente nos permitem compreender e caracterizar o Acervo como institucional, um repositório de pesquisa fundamental para os estudos linguísticos e filológicos no Brasil, apesar de possuir sua origem majoritariamente na coleção particular de Antônio José Chediak. É mais um dos muitos casos em que uma coleção particular, um acervo pessoal, transforma-se em um acervo coletivo, destinado à investigação e formação de novos pesquisadores. Esse tipo de coleção, como uma biblioteca universitária, se insere em um “contexto

científico de alta especialização”, como notam Boccato, Fujita e Rubi (2010, p. 105); em nosso caso, uma especialização que remeterá, como veremos na seção seguinte, aos domínios da Filologia e, de forma secundária, aos estudos linguísticos em geral.

2) Antônio José Chediak: o patrono do Acervo

Antônio José Chediak nasceu em Três Corações, município do estado de Minas Gerais, aos nove de março de 1916. Foi aluno de internato e, inspirado pelos seus professores, despertou o interesse pelo estudioso Carlos de Laet⁹ desde tenra idade.

O patrono do nosso Acervo começou sua carreira como professor ainda em sua cidade natal. Destacou-se por sua inteligência e por seu apreço pelos estudos, o que lhe garantiu acesso ao magistério oficial, tornando-se professor de Língua Portuguesa, de Latim, de Francês e de Estilística em diversas instituições de ensino, dentre as quais podemos citar o Colégio Pedro II, a Faculdade Nacional de Filosofia, a Fundação Getúlio Vargas, a Escola Técnica Nacional, o SENAC e a Universidade Santa Úrsula¹⁰. Segundo informa Manuel Antônio Barroso (*Correio da Manhã*, 27/12/1964), como professor do Estado da Guanabara, Chediak percorreu toda a hierarquia do magistério: de professor a Secretário de Educação. Assim, aos poucos, Chediak formava a seleta biblioteca doada ao CEFIL.

9 Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847-1927), natural do Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 32. Filólogo, polemista, ensaísta e cronista e crítico, foi um católico e monarquista fervoroso, sendo bastante famoso seu embate com João Ribeiro (Azevedo Filho e Silva, 2012, p. 132-137). Mais informações sobre Carlos de Laet podem ser obtidas em seu perfil institucional no site da Academia Brasileira de Letras, disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-de-laet>. Acesso em: 17 jul. 2023.

10 Em Azevedo Filho e Silva (2012, p. 98), há uma lista mais extensa dos locais de trabalho de Chediak.

No verbete “Antônio José Chediak” do *Dicionário Biobibliográfico da Academia Brasileira de Filologia* (Azevedo Filho e Silva, 2012, p. 98-100), informa-se que o filólogo foi também professor do curso de ecdótica do Instituto Nacional do Livro e diretor da Divisão de Obras Raras, Publicações, Iconografia e Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Foi eleito para a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Filologia e, como membro e também presidente da instituição, seu envolvimento com a Filologia em sentido restrito, isto é, como prática de crítica textual/ecdótica, reflete-se nos trabalhos de edição que realizou junto à respeitada Comissão Machado de Assis¹¹, assim como na edição de *Tragédia no mar: (O Navio Negreiro)*, de Castro Alves, publicada no ano 2000.

Amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek¹², Chediak também abraçou a carreira administrativa como Secretário de Administração de Estado, tendo sido o autor da Ata de Fundação de Brasília (Vilaça et al, 2014, p. 203; Henriques et al, 2014, p. 110). Contudo, mesmo com sua incursão no mundo político-burocrático, nunca abandonou seus estudos da língua vernácula. Assim, sua produção bibliográfica inclui obras relacionadas:

- ao já mencionado Carlos de Laet: *Mobilidade do léxico de Carlos de Laet*, 1941; *Carlos de Laet, o polemista*, 1942;
- ao ensino e ao aprendizado de Língua Portuguesa: *Lições práticas de Língua Portuguesa*, 1948; *Textos de Português - 1ª e 2ª séries do Curso Industrial*, 1950; *Antônimos*, 1952; *Prática de linguagem*, 1954; *Análise sintática: grau médio*, 1955; *A elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 1960; *Hora de aprender: comunicação e expressão*, 5ª série,

11 “[Chediak foi] Responsável pelo texto crítico de *Quincas Borba*, *Papéis Avulsos* e *Memorial de Aires*, na Comissão Machado de Assis, que funcionou na Academia Brasileira de Letras, da qual foi secretário.” (Azevedo Filho e Silva, 2012, p. 99)

12 (1902-1976) 21º presidente do Brasil, governou o país entre os anos de 1956 e 1961.

1974; *Hora de aprender: comunicação e expressão*, 6º série, 1975; *Antologia de Língua Portuguesa para a 3ª e a 4ª séries ginasiais* [s.d.];

- à dialetologia: *Aspectos da linguagem do Espiraiado*, 1958;
- à estilística: *Aspectos da estrutura correlativa em Camões*, 1963 [tese de concurso]; *Estudos de correlação poética*, 1982; *Contribuições ao estudo da estrutura correlativa em Camões*, 1971 [tese de Doutorado];
- à lexicografia: *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*, 1999.

Em relação à sua obra, destacamos, ainda, a participação de Chediak como um dos assessores que trabalhou na elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira, a NGB, promulgada em 1959 (Henriques, 2009, p. 156). Para elaboração do texto, o então Ministro do Estado da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama, selecionou os mais notáveis professores, linguistas e filólogos de então para compor uma comissão que, tempos depois, editaria o texto da NGB. O documento, um dos mais importantes da história linguística do Brasil, é ainda hoje um norteador¹³ para a elaboração de gramáticas e materiais didáticos que se dediquem à língua portuguesa. Logo na sequência de seu trabalho como assessor na comissão, em 1960, o patrono do Acervo publicou a obra “A elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira”, citada no elenco bibliográfico acima. Julgamos importante destacar sua participação na NGB, porque esta não foi uma de suas publicações, embora ele tenha sido importante para sua elaboração. Apenas esse fato isoladamente já poderia

13 Importa dizer, antes de tudo, que a NGB se define, conforme a Portaria Nº 36, de 28 de Janeiro de 1959, como uma “recomendação” e não uma “obrigação”. Ainda assim, como demonstram diferentes estudiosos – e aqui citaremos apenas um, Vieira (2018) –, a NGB passou a ser uma espécie de obrigação velada, um suposto selo de qualidade que era estampado, com orgulho (e de forma acrílica), em todas as gramáticas subsequentes.

ser considerado um indicativo plausível para exemplificar a importância de Chediak na história da Gramática no Brasil.

Por fim, além do mencionado *Vocabulário onomástico da língua portuguesa* (1999), de acordo com Arnaldo Niskier¹⁴, seu amigo Antônio Chediak teve mais um importante trabalho na área de lexicografia: “[...] colaborou para uma nova edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, na ABL, além de ter coordenado o grupo que preparava edição do dicionário.”¹⁵

Ressaltando os méritos e o caráter do amigo, falecido em doze de fevereiro de 2007, Niskier comenta: “Morreu com o status de acadêmico, embora, por modéstia, tenha se recusado a receber os votos certos dos seus admiradores da Casa de Machado de Assis”¹⁶.

Feita uma breve apresentação da figura de Antônio José Chediak, de suas áreas de atuação e de sua produção bibliográfica, apresentaremos a seguir algumas das potencialidades do Acervo em foco.

3) Potencialidades do Acervo

O acervo do professor Chediak, dentro do CEFIL, pode ser caracterizado como uma “coleção especial”, considerando o entendimento desse termo por Alves (2015).

14 (1935-) “Sétimo ocupante da Cadeira nº 18 [da Academia Brasileira de Letras], eleito em 22 de março de 1984, na sucessão de Peregrino Júnior e recebido em 17 de setembro de 1984 pela acadêmica Rachel de Queiroz. Recebeu os acadêmicos Murilo Melo Filho, Carlos Heitor Cony e Paulo Coelho. Presidiu a Academia Brasileira de Letras em 1998 e 1999.”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/arnaldo-niskier>. Acesso em: 17 jul. 2023.

15 Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/chediak-um-cavalheiro>. Acesso em: 19 jul. 2023.

16 Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/chediak-um-cavalheiro>. Acesso em: 19 jul. 2023.

Quando nos referimos a coleções especiais devemos compreender que se trata de um acervo específico ou setor, que devido a sua temática, importância, características físicas e/ou diferenciais, encontra-se de maneira distinta ou mesmo fisicamente separado do acervo geral de uma biblioteca (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Deste modo, uma coleção especial pode ser formada por um acervo pessoal, acervo de obras raras, acervo de determinado tema, memória institucional, acervo de multimeios, entre outros exemplos. (Alves, 2015, p. 46)

Situada em local físico separado da biblioteca central do Instituto de Letras, essa coleção especial destina-se a constituir arquivo e memória das principais áreas de pesquisa do CEFIL.

Alves (2015) chama a atenção para o fato de que, “por meio destas coleções especiais, é possível traduzir seus donos e organizadores, divulgar e preservar a história de importantes personagens nas áreas de atuação da Biblioteca” (Alves, 2015, p. 47), uma vez que, segundo Heymann:

Os arquivos pessoais [...] em geral trazem a marca de um processo de acumulação pautado por subjetividades individuais, expressas na seleção dos documentos a serem preservados, bem como em sucessivas avaliações, descartes e ordenamentos a que os conjuntos podem ser submetidos. (Heymann, 2012, p. 179).

Como visto até aqui, o Acervo em evidência é formado majoritariamente pela biblioteca pessoal do professor Chediak, refletindo suas preferências pessoais e teóricas. De pessoal, esse Acervo passou a ser institucional a partir da sua incorporação à biblioteca do CEFIL, compondo um conjunto dedicado a pesquisas filológicas.

Entretanto, pouco mais de 50% dos itens do Acervo não se relaciona diretamente à Filologia, aqui entendida como estudos linguísticos de natureza histórica ou descritiva e, também, como Crítica Textual¹⁷. Trata-se prioritariamente de obras literárias ou de teoria literária que não constituem

17 Consideramos as áreas afins à Filologia: Gramática, Linguística, Línguas modernas e Línguas clássicas.

edições críticas (32,6%), de obras relativas a ciências sociais¹⁸ (10,2%) e de obras de caráter didático, sobretudo relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa (3,3%). Outras áreas com um número representativo de obras no Acervo são: Direito (2,5%) e Filosofia (1,6%).

A diversidade temática do Acervo revela o lugar de produção do professor, filólogo e lexicógrafo Antônio José Chediak, evidenciando uma confluência entre memória e história: memória, por constituir a documentação da trajetória de pesquisa e de desenvolvimento teórico-intelectual de Chediak; e história, por representar o desenvolvimento mesmo da Filologia no Brasil, marcadamente por meio da contribuição de um de seus maiores especialistas.

Nesse sentido, podemos destacar ao menos três potencialidades do Acervo, as quais têm se desenvolvido por meio de cinco projetos inscritos no Instituto de Letras da UERJ. Dado o grande número de gramáticas e dicionários de língua portuguesa presentes no Acervo, podemos dizer que a potencialidade mais imediata desse patrimônio diz respeito a estudos de caráter linguístico-gramatical, os quais se aplicam ao projeto de extensão universitária de consultoria linguístico-gramatical (CEFIL), oferecido à comunidade acadêmica e à comunidade externa, e ao projeto de revisão de textos (CEFIL), destinado prioritariamente à comunidade acadêmica. Os dicionários, vocabulários, índices, glossários e obras sobre lexicologia também podem ser exploradas por professores da UERJ envolvidos no projeto de confecção do *Dicionário de Português do Brasil para Estrangeiros* (NUPPLES¹⁹/CEFIL). Finalmente, destacamos o estudo do Acervo como um todo com vistas à disponibilização do material custodiado para consulta. Esta última potencialidade tem se materializado no já referido projeto de catalogação dos itens do Acervo (CEFIL), que envolve produção de resenhas de obras que compõem as suas principais

18 No processo de catalogação do Acervo Antônio José Chediak, foram consideradas como ciências sociais as seguintes áreas: Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas, Psicologia Social, Ciência da Informação e Economia.

19 NUPPLES - Núcleo de Pesquisa e de Ensino de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua.

coleções; e, mais recentemente, no projeto Arquivos de Saberes Linguísticos (LabGraDis²⁰), cujo objetivo é “[...] construir arquivos de saberes linguísticos que, inscritos em rede, possibilitem intervir no trabalho de gestão da memória do conhecimento linguístico-gramatical no/do Brasil.”²¹

Há, por fim, possibilidades outras ainda não realizadas que podem, no futuro, se concretizar. Destacamos ser possível, por exemplo, empreender uma historiografia da Filologia no Brasil, um dicionário crítico de obras filológicas, um dicionário biobibliográfico de filólogos brasileiros ou pesquisas focadas em determinados filólogos brasileiros. Todas essas ações, perfeitamente exequíveis, são possibilidades em aberto que o Acervo permite que sejam efetivadas.

Dessa forma, nosso Acervo cumpre um papel social bastante relevante, sendo útil para a sociedade como um todo – notadamente para a comunidade de profissionais de Letras–, subsidiando pesquisas e viabilizando a difusão dos estudos filológicos na UERJ.

Considerações finais

Em texto já clássico sobre o tema da missão esperada das bibliotecas públicas, Miranda (1978) recorda que, dentre as funções de uma biblioteca brasileira, a primeira delas é a de “promover o idioma nacional²²” (Miranda, 1978, p. 71), enquanto a quinta é a de “ser depositária do acervo da inteligência e da história local” (Miranda, 1978, p. 73). Ao que o autor indica “promover”, podemos acrescentar “preservar”, uma vez que em nosso contexto as duas ações estarão intimamente relacionadas e, a nosso ver, são indissociáveis.

20 LabGraDis - Laboratório em Estudos de Gramática & Discurso.

21 Disponível em: <https://www.saberling.institutodeletras.uerj.br/quem-somos/>. Acesso em: 25 jul. 2023. Este projeto envolve catalogação e digitalização com reconhecimento óptico de caracteres (OCR) de obras raras e em domínio público, a fim de disponibilizá-las online gratuitamente.

22 Por não ser o objetivo deste texto, não vamos aprofundar a querela acerca do nome da língua e de como as suas mudanças implicam questões epistemológicas, conceituais, político-ideológicas e culturais.

Isso significa dizer que, na perspectiva desse autor, independentemente do conteúdo temático da biblioteca, sua missão precípua será a de preservar/promover o idioma nacional. No nosso caso em específico, essa preservação/promoção dar-se-á de maneira ainda mais efetiva, uma vez que o Acervo Antônio José Chediak não se configura como apenas uma coleção de obras que secundariamente poderia preservar/promover a língua portuguesa, mas como um conjunto de obras que efetivamente se debruçam sobre esta língua para estudá-la, descrevê-la, investigá-la e analisá-la.

Neste artigo, descrevermos o Acervo custodiado pelo CEFIL com a intenção de mostrar como uma coleção pessoal passa a compor um patrimônio institucional e, ainda assim, continua revelando preferências e traços de uma personalidade, neste caso, a de Antônio José Chediak. Cada item proveniente da biblioteca pessoal de Chediak pode ser visto como documento da trajetória de sua formação teórico-intelectual, constituindo memória de sua produção bibliográfica. Ao mesmo tempo, uma vez aceitos como doação pelos professores vinculados ao CEFIL, esses itens passam a fazer parte também da memória das principais áreas de pesquisa desse centro de estudos.

Referências

ALVES, Ana Paula Meneses. História e memória por meio de coleções especiais: o caso da Biblioteca da Unesp/FCLAr. In: Brunno Vinnicius Gonçalves Vieira; Ana Paula Meneses Alves. (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, v. 3, p. 45-69.

AZEVEDO FILHO, Leodegário de; SILVA, José Pereira da. **Dicionário Biobibliográfico da Academia Brasileira de Filologia**. Rio de Janeiro: ABRAFIL, 2012.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo da catalogação de assunto em bibliotecas universitárias. **Revista Score**, [s. l.], v. 16, Issue 2, jul./dez. p. 103-110, 2010.

BRASIL, Arquivo Nacional, **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: AAB, 1996.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. Et al. O Centro Filológico Clóvis Monteiro: origens e atualidade. **Revista Philologus**, Ano 20, Nº 60. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2014.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois**. São Paulo: Parábola, 2009.

HEYMANN, Lúcia Quillet. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

MIRANDA, A. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 69–75, 1978.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **A gramática tradicional: história crítica**. São Paulo: Parábola, 2018.

VILAÇA, C. E. L.; OLIVEIRA, C. R.; MIGUEL, J. A. ; MARTINS, A. P. . O Centro Filológico Clóvis Monteiro e seu acervo bibliográfico. In: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2014, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF, Vol. XVIII, Nº 05 Ecdótica, Crítica Textual e Crítica Genética**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2014. v. XVIII. p. 201-208.